

ODISSEU E AS SEREIAS HOMÉRICAS: O SABER COMO SALVAÇÃO E PERIGO

Tayná Costa (Mestranda em Ciência da Literatura, UFRJ)

RESUMO

É na *Odisséia*, de Homero, que as Sereias aparecem como a primeira figura do conhecimento perigoso – oniscientes, elas assemelham-se às Musas por prometerem cantar a Odisseu tudo o que se passou na ampla Tróia. As Sereias prometem trazer a *Iliada* e a guerra de Tróia para a narrativa da *Odisséia*. A partir deste poema épico arcaico, elas são associadas ao mito do fracasso já que, apesar de despertarem em Odisseu o desejo de ouvi-las, não conseguiram privá-lo de seu regresso, uma vez que o rei de Ítaca agiu com prudência e seguiu os conselhos que havia recebido anteriormente. Neste estudo, abordaremos a questão do saber que se concentra nesses dois personagens, mas que designam fins díspares: para as Sereias, o saber levará seu ouvinte ao perigo; para Odisseu, a salvação.

Palavras-chave: Sereias homéricas; perigo épico; continência do retorno.

ABSTRACT

It's in Homer's *Odyssey* that the Sirens appear as the first figure of dangerous knowledge - omniscient, they resemble the Muses for promising to sing to Odysseus all that went on in the wide Troy. The Sirens promise to bring the *Iliad* and war from Troy to the narrative of the *Odyssey*. From this archaic epic poem, they are associated with the myth of failure since, despite arousing in Odysseus the desire to hear them, they failed to deprive him of his return, since the king of Ithaca acted with prudence and followed the advice he had previously received. In this study, we will approach the question of knowledge that focuses on these two characters, but which designate disparate ends: for the Sirens, knowledge will lead its listener to danger; for Odysseus, salvation.

Keywords: Homeric Sirens; Epic danger; Odysseus return.

O próêmio da *Odisséia*, bem como o da *Iliada*, outro poema épico arcaico de Homero, iniciam com a invocação à Musa: o aedo, ou poeta, vale-se da palavra da deusa para contar a história do herói Odisseu, antecipando a pluralidade de descaminhos que este homem *polutropos* enfrentou. Tais acontecimentos, que tecem a história deste guerreiro errante que retorna da Guerra de Tróia, fazem parte de um passado épico que pressagia o mundo humano – trata-se de um tempo poético fundamental recuperado pela palavra do aedo. A narração do poeta acerca dos feitos deste herói relaciona-se com a experiência temporal humana, visto que

ao dar forma e sentido narrativos ao mundo temporal humano, a palavra épica afirma-se também como transfiguração poética, como linguagem reveladora/rememoradora, como *Alethéia* (Oliveira, 2008, p.55).

O aedo, aquele que invoca a Musa, é também o mesmo que é inspirado por ela a cantar feitos heróicos, como é o caso de Odisseu em seu retorno a Ítaca: “Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou,/ depois que de Tróia destruiu a cidadela sagrada”¹ (Homero, 2011, I.1-2). Enquanto a *Iliada* trata da ira de Aquiles, a *Odisséia* tem como objeto a vida de um homem, um *bios*. Acerca dessa afirmação, Irene de Jong argumenta que o uso do substantivo *andra*, não indica que a *Odisséia* seja apenas uma história individual de Odisseu e seu *nostos*, mas sobre Odisseu como um ‘homem’, líder, marido, pai, filho e rei.

O guerreiro Aquiles, por ser sabedor das suas próprias escolhas, torna-se um grande ídolo na *Iliada* – ele tem duas escolhas: permanecer em Tróia e lutar e, conseqüentemente, morrer jovem ou retornar ao seu lar. Esta segunda opção implicaria em não obter a glória, o *kléos*, ao passo que lutar e obter a bela morte garantirá um *kléos* imperecível. Aquiles escolhe o *kléos* ao invés do *nostos*, o retorno ao lar – e é esta glória que confere ao herói a recompensa de ser lembrado desde sua escolha até a contemporaneidade. Odisseu, por outro lado, escolhe o *nostos*, porém este *nostos*, se alcançado, une-se ao *kléos*, à glória imortal. Ao vencer todos os obstáculos, inclusive os de esquecimento que, durante toda sua viagem estiveram no seu caminho, ele obtêm suas duas grandes conquistas, fazendo com que sua

¹ Tradução de Frederico Lourenço.

glória para sempre seja lembrada – embora por artifícios diferentes daqueles enfrentados por Aquiles.

Na *Iliada* deve-se morrer para adquirir o *kléos*, na *Odisséia*, não. Enquanto este primeiro poema épico arcaico configura-se como uma poesia funerária, a *Odisséia* transforma a poesia de guerra daquela primeira epopéia em imaginária e perigosa – serão as sereias, ou Musas do esquecimento, as detentoras de tal conhecimento de canto. Seu canto inefável, que realiza-se através do *thélgein*, que é o maior de todos os encantamentos, causa, primeiramente, o padecimento do espírito e depois a morte física.

Odisseu, ao longo de sua viagem de retorno a Ítaca, sobreviveu a desvios de rota, tempestades no mar e naufrágios, e, ainda, seres inumanos, tais como: Sereias, ninfas, feiticeiras, ciclopes, lotófagos – sem contar a visita ao mundo dos mortos. No entanto, mesmo superando todos estes episódios que poderiam tê-lo dizimado, a ameaça por esquecer o retorno era latente. Odisseu impede olvidamento da pátria com auxílio não apenas da deusa Atena, mas também de Hermes, como na ilha da ninfa Calipso, quando o narrador retoma o episódio de Odisseu, até então preso na ilha desta ninfa por quase dez anos. Sem ajuda divina Odisseu jamais seria capaz de obter sucesso em seu retorno ao lar. Como exemplo de nosso estudo, citamos os conselhos dados por Circe a Odisseu, a fim de poupá-lo de um destino funesto. Tais conselhos ocupam desde o vigésimo quinto verso ao vigésimo oitavo do décimo segundo canto, bem como do trigésimo sétimo verso ao centésimo décimo do mesmo canto. Como primeiro perigo, Circe o adverte sobre as sereias que “todos os homens enfeitiçam, que delas se aproximam” (*Od.* XII.40), porém, diferentemente dos outros perigos narrados por Circe, este, o das Sereias, a feiticeira, não apenas o previne do perigo, mas o instrui como sobreviver a ele ainda que deleitando-se do canto mavioso:

Mas se tu próprio quiseres ouvir o canto,

Deixa que, na nau veloz, te amarrem as mãos e os pés

Enquanto estás de pé contra o mastro. E que as cordas sejam

Atadas ao mastro, para que te possas deleitar com a voz

Ao advertir Odisseu sobre os perigos que ele enfrentará, Circe oferece um saber que o levará, não apenas a salvação, mas ao deleite incompleto daquele canto mavioso. Odisseu, embora não perca seu caráter heróico na *Odisséia*, ao passar pela ilha das sereias, investe na sua avidez por mergulhar na narração poética da guerra através do canto das musas do esquecimento.

Ouvir as histórias da Guerra de Tróia, promessa de canto das Sereias, é a experiência poética mais profunda que não caberia em um poema. Contudo, se não fossem pelos conselhos de Circe, Odisseu morreria ali, em meio à ilha das maviosas Sereias repleta de “amontoadas/ ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes.” (Cf. Homero, XII.45-46) - ao invés de obter a bela morte lutando na guerra, como é o desejo de todo grande herói. As Sereias seduzem os navegantes, bem como a *Odisséia* foi seduzida pela poesia da *Iliada* - e essa epopéia que narra as andanças de Odisseu somente se sustenta, segundo a visão de Pietro Pucci, pois este herói, amarrado ao mastro, não permite que o canto das Sereias, uma intensa forma poética, dizimasse o poema – o mastro simboliza a razão e a existência da *Odisséia*. A atitude heróica de Odisseu, obtendo seu *kléos* e *nóstos*, não é apenas dele, mas de uma literatura salva pela razão – que, na visão de Blanchot, por exemplo, jamais o consagraria um herói, e sim um covarde, por agir com ponderação.

Embora no destino do rei de Ítaca já estivesse previsto sofrer muito antes do seu retorno ser concluído, Odisseu não perde sua identidade e seu *nóstos* por ajuda divina, como já mencionamos, mas, também, pela sua sabedoria e artil. O herói errante revela-se como o grande ídolo da *Odisséia* através da sua *métis*, astúcia, por ser portador de um discurso persuasivo, *peithó*, e encantatório, *thélgein*, tornando-se conforme Piero Boitani, “um ícone da *experiência, da ciência e da sabedoria*”. Na corte dos feácios, bem como na tenda do porqueiro Eumeu, suas narrativas são expressas pelo verbo de intensidade poética *thélgein*, que prende a atenção de seus ouvintes e esconde sua verdadeira identidade, como no encontro com o porqueiro, e que permitem o salvo retorno ao lar, na jangada dos feácios.

Além dos conselhos recebidos de Circe, a salvação de Odisseu também se encontra no seu não esquecimento do retorno: o herói guerreiro da *Iliada*, sobrevivente de tantos castigos no mar, torna-se narrador da sua própria história. Ao narrar suas errâncias, Odisseu

não dá margens à veracidade, permitindo apenas que nos encantemos com cada palavra contada, seja através da leitura, ou ouvindo atentamente como os feácios que se embriagavam com aquelas palavras, assim como com outros *phármaka* que hipnotizam.

A viagem de Odisseu é rememorada por diferentes estudiosos como a perda de rumo e o retorno ao lar. Entre estas duas condições abre-se um espaço para suas narrativas, onde o aedo deixa de ser o porta-voz das Musas, e Odisseu toma a palavra da sua própria história, afinal, como ressalta Blanchot, o espaço da narrativa é também “aquele da paixão e da noite, onde eles não podem ser atingidos, nem ultrapassados, nem traídos, nem esquecidos” (2005, p.273). Todas as ameaças que o herói astucioso sofreu ao longo da tentativa de retorno constituem o grande perigo do esquecimento. Esquecer-se do retorno implicaria no esquecimento da figura de Odisseu, no herói que foi e que por todas as suas artimanhas, desvencilhando-se das emboscadas, almejava não apenas o *kléos*, mas também o *nóstos*. Jeanne Marie Gagnebin, sobre esta luta de Odisseu para voltar para Ítaca, comenta que é “uma luta para manter a memória e, portanto, para manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro” (2006, p.15).

As sereias, desde a sua primeira aparição na literatura, portanto, no poema de Homero, a *Odisséia*, significaram um convite ao puro prazer: fosse através do canto misterioso ou de sua beleza, como em meados do Renascimento². No que tange ao prazer a partir do canto misterioso, Circe foi responsável por emboscá-las, advertindo Odisseu sobre o perigo de sua ilha. Há outros mitos que contam que as sereias desapareceram depois da navegação de Odisseu passar por sua ilha, afinal suas vidas dependiam da, conseqüente, morte através da entrega dos navegantes ao canto mavioso que prometiam: um canto sem fim. Ninguém jamais pôde dizer o conteúdo deste canto prometido, pois o herói que as ouviu prometer cantar os grandes feitos de Tróia partiu a fim de salvar-se. Quando retorna a Ítaca e conta a Penélope sobre tudo o que viu, quanto as Sereias, Odisseu pouco tinha a dizer: “Enxame de cantos!” (Cf. Homero; XXIV.326).

² Embora este não seja o assunto principal deste estudo, obtivemos uma interpretação relevante sobre obras e autores renascentistas a partir da leitura de “Sirenas Seducciones y Metamorfosis”, de Carlos García Gual (2014)

As Sereias, ou antimusas, oferecem hospitalidade em troca de um canto límpido, que, ao ouvi-lo, tudo paralisa: o mar, o tempo, a vida. O canto que oferecem e insinua é uma canção de cunho épico, que alcançará a atenção e desejo dos navegantes. No caso de Odisseu, as Sereias escolhem, minuciosamente, o epíteto a chamá-lo: “Grande glória dos Aqueus” (Cf. Homero, XII, v.184) – embora Odisseu tenha sido endereçado durante toda a *Odisséia* com diferentes epítetos, este, usado pelas Sereias, não havia antes sido chamado. Ouvir essa simulação do canto do aedo é como ter uma morte inglória: no mar, sem sepultura, sem nome e sem memória – sem *kléos* e sem *nóstos*. As Musas, as verdadeiras inspiradoras do canto do aedo, por outro lado, exultam a glória dos heróis mortos. As Sereias, assim como as Musas, anunciam um saber que não pode ser esquecido, porém a sedução daquelas antimusas, ou musas da morte, baseiam seu discurso numa palavra fingida, como define Todorov (*apud*. Oliveira, 2008, p.55), e seu poder de sedução é falso e ficcional.

O deleite do canto e saber das Sereias está, quase sempre, aliado à trapaça e à negatividade, contribuindo para a melodia encantadora e relato onisciente, afinal, devido a este último aspecto, elas têm um parentesco com as Musas. Sendo assim, “as sereias mantêm uma afinidade oblíqua com a memória épica do aedo, mas essa afinidade manifesta-se sob a sua feição enganosa e mortífera” (Cf. Oliveira, p.110). Na épica, o canto das sereias é a artimanha que causa o naufrágio, o esquecimento e a morte; nos séculos posteriores houve uma crescente feminização das sereias, bem como uma acentuada erotização do mito, mas que não extinguiu suas características arrebatadoras.

Dito isso, concluímos que as questões de perigo e salvação se entrelaçam na *Odisséia* no que tange aos personagens Odisseu, Sereias e Circe. O rei de Ítaca, estimado por esta feiticeira, somente consegue salvar-se devido aos conselhos previamente recebidos. O mastro em que foi amarrado não é apenas um mastro, mas a salvação de toda a *Odisséia*. Odisseu agiu com razão e prudência, ainda que o desejo de entregar-se ao canto fosse latente. Por outro lado, a passagem de Odisseu pela ilha pode ter causado a morte das cantoras maviosas, como retratado em outros mitos. A vida de Odisseu dependia dos conselhos de Circe, bem como a das Sereias necessitava do encantamento do navegante ilustre – elas, então, escolhem, minuciosamente, um epíteto para chamá-lo e induzi-lo a

entregar-se ao seu encantamento ímpar, ao *thélgein*, a fim de que o marinheiro ilustre se esquecesse do seu retorno e ouvisse aquele canto sem fim. Além da ajuda divina, o papel de Odisseu-narrador, embora sem qualquer compromisso com a verdade, faz com que o herói não se esqueça de seu retorno, obtendo o *nóstos* e conquistando seu *kléos* eterno.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone Moisés. In: _____ **O encontro do imaginário**. 1ª Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2005.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga Musa (Arqueologia da Ficção)*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. In: _____ **A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da *Odisséia***. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução e prefácio de Frederico LOURENÇO. Introdução e notas de Bernard KNOX. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

JONG, Irene de. **A narratological commentary on the Odyssey**. 1ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NAQUET, Pierre Vidal. **O mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OLIVEIRA, Luís Inácio. **Do canto e do silêncio das sereias. Um ensaio à luz da teoria da narração de Walter Benjamin**. 1ª Ed. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 2008.

PUCCI, Pietro. **The Song of the Sirens. Essays on Homer**. 1st Ed. Rowman & Littlefield, 1997.